



NOSSA BÚSSOLA

Ricardo Neves



O debate

continua no blog
de Ricardo Neves

www.epoca.com.br

Ricardo Neves

é consultor de inovação e estratégia e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. É autor do livro *Novo Mundo Digital*, volume I da trilogia *Renascença Digital*. www.ricardoneves.com.br. Acesse www.epoca.com.br/ricardoneves e mande seu e-mail

Reunião de diretoria num mundo de cabeça para baixo

REUNIÃO ANUAL DO CONSELHO DE UMA multinacional com negócios em mais de 150 países. O vice-presidente (VP) de finanças acabou de fazer uma apresentação mostrando o faturamento anual da empresa. Ele demonstrou que o crescimento médio nos 31 países desenvolvidos, ou plenamente industrializados, como prefere chamar o Fundo Monetário Internacional, cresceu pouco mais de 2% em relação ao ano passado.

No entanto, nos demais países, que costumamos chamar de subdesenvolvidos, o crescimento anual foi de quase 9%.

Foi seguido pelo VP de marketing, que mostrou os planos para os anos à frente. Até então, o mercado prioritário para a empresa mirava em especial Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Espanha, Canadá, Austrália e Holanda. O VP de marketing diz que o mundo mudou tremendamente nesta primeira década e que é hora de mudar a estratégia. A empresa deverá concentrar seus maiores esforços em negócios nos dez mais promissores mercados emergentes: China, Índia, Brasil, Rússia, México, Coreia do Sul, Indonésia, Turquia, África do Sul e Tailândia.

Esses países, continua o VP de marketing, abrigam mais da metade da humanidade, que representa quase 70% da população e 80% da economia dos países em desenvolvimento. Têm uma condição estratégica e continuarão a crescer aceleradamente. Vão exigir mais conhecimento e criatividade das equipes de desenvolvimento. Produtos e soluções que têm sido campeões nos países desenvolvidos não são necessariamente os candidatos a vencer a batalha dos mercados emergentes. A humanidade globalizada das décadas à frente vai funcionar dentro de uma lógica geopolítica e de mercado multipolar.

O VP de operações segue expondo as providências que serão tomadas para viabilizar a nova configuração multipolar que a empresa deverá adotar. Anuncia que ela deixará de ter uma sede global em Nova York, que comanda e gere de forma centralizada as operações no resto do mundo. Vai se transformar numa rede de nós espalhados por todo o planeta.

Em primeiro lugar, boa parte dos empregos ligados à produção industrial nos EUA e na Europa deverá ser redistribuída para os países emergentes. Terão preferência países com melhor infra-estrutura e com mão-de-obra mais qualificada. Centros de pesquisa e desenvolvimento deverão ser levados para grandes cidades – sejam essas de países desenvolvidos ou emergentes

– que oferecem, sobretudo, qualidade de vida e onde gravitam os profissionais dessas áreas. Os serviços de escritórios deverão funcionar 24 horas, sete dias por semana. Para a contratação das equipes de vendas não há mais necessidade de exigir residência em determinado local. Basta disponibilidade para viagens e familiaridade com ferramentas digitais de telecomunicações.

O VP de recursos humanos é o seguinte na fila de apresentações. Ele mostra que o grande desafio será transformar a empresa num organismo de trabalho colaborativo global. Essa mudança de cultura corporativa, além de estimular as pessoas a ser mais criativas, tem a vantagem de permitir acabar com vários níveis médios de gerência. Essa nova cultura de colaboração envolverá cada vez mais os empregados e fornecedores mundo afora, independentemente do local geográfico de residência.

O presidente finalizou: “É paradoxal adotarmos uma configuração e uma estratégia multipolar, no mesmo ano em que Hollywood traz de volta Rambo, Indiana Jones, Homem de Ferro, o incrível Hulk e outros super-heróis. O cinema é entretenimento e fantasia. A vida real é outra coisa. Se dependermos de super-heróis, vamos nos tornar uma corporação decadente ou irrelevante. Não há mais dúvida de que a economia americana vai deixando de ser a locomotiva que puxava todo o restante do planeta. Como dizia Henri Laborit (1914-1995), pesquisador francês em psicologia evolutiva: ‘O progresso não virá do Oeste, nem do Leste, nem do Terceiro Mundo, mas da planetarização da humanidade’. O mundo será multipolar e colaborativo, e também assim deverão ser as organizações que pretendem atrair, nutrir e reter os melhores talentos. Muito obrigado.”

Dez países representam 70% da população e 80% da economia do mundo em desenvolvimento